

COLAÇO, Fernanda. A Persistência da Memória: percursos e sentidos de uma oficina teatral com pessoas com transtornos mentais. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC/UFBA). Mestranda. Orientadoras: Denise Coutinho e Meran Vargens. Arte Educadora e Coordenadora do Projeto “Memórias em Jogo”, no CAPS de Amargosa (BA).

RESUMO

Este artigo apresenta o trabalho desenvolvido na área de teatro, com pessoas com transtornos mentais, especificamente um processo criativo baseado nas histórias de vida dos usuários do Centro de Atendimento Psicossocial – CAPS, de Amargosa (BA). A experiência afirma a importância da arte e da linguagem teatral na área da Saúde Mental, contribuindo para que pessoas em sua diversidade possam mostrar suas potencialidades criativas e culturais, e transformar a realidade em que vivem. A pouca produção acadêmica na interface de teatro e saúde mental reforça a importância da descrição e análise de experiências criativas que envolvam esses dois campos de conhecimento com o objetivo de aprofundar uma reflexão centrada em práticas artísticas realizadas com pessoas com transtornos mentais.

Palavras-chave: Oficina de Teatro. Processo Criativo. Usuários da Saúde Mental. Histórias de Vida. Memória.

ABSTRACT

This article presents the work in the area of the theater, along with persons with mental disorders, specifically of a creative process based on life stories of the users of the Center for Psychosocial Care – CAPS, of Amargosa (BA). The experience affirms the importance of art and language theater in the area of Mental Health, thereby helping to ensure that people in their diversity can show their creative potential and cultural, and transform the reality in which they live.

Keywords: Theater Workshop. Creative Process. Users of Mental Health. Life Histories. Memory.

Introdução

Em uma breve consulta feita ao Banco de Teses da CAPES¹, verificamos somente sete resultados de dissertações de mestrado, com o cruzamento dos descritores “teatro” e “saúde mental”, sendo que apenas um resultado desse total agrega o descritor “método de trabalho”.

A pouca produção científica na área de teatro e saúde mental reforça a importância da descrição e análise de experiências criativas que envolvam essas duas áreas de conhecimento, com o objetivo de aprofundar uma reflexão centrada em práticas artísticas realizadas com pessoas com transtornos mentais.

¹ Consulta feita em junho de 2011.

A oficina de teatro que descrevo a seguir foi realizada no espaço de um Centro de Atendimento Psicossocial – CAPS, da cidade de Amargosa (BA), e faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento. O texto que segue busca justificar alguns aspectos na escolha do método de trabalho realizado com usuários desse serviço de saúde mental.

A experiência em foco está baseada no impacto de um “olhar estrangeiro”, que chega numa cidade do interior da Bahia e se depara, pela primeira vez, com um espaço da saúde mental e que, passados 17 meses, o “primeiro olhar” se surpreende com esse mesmo espaço, rico em saberes populares, histórias e cultura.

Tais riquezas são apresentadas pelas pessoas que fazem parte do CAPS, os usuários do serviço de saúde mental. Essas pessoas estão na centralidade da proposta teatral. Suas histórias de vida são a matéria-prima do trabalho e, com isso, as reconhecemos como sujeitos que possuem história, memória e cultura.

Razões para a escolha do método de trabalho

O CAPS de Amargosa possui 3.750 pessoas cadastradas, com uma média de atendimento de 150 usuários/mês. São moradores da sede e da zona rural do município, na faixa etária de 18 a 75 anos², em sua maioria com renda familiar de um salário mínimo e com baixa escolaridade.

Aproximadamente 35 usuários participam regularmente das atividades terapêuticas da instituição, entre eles pessoas com deficiências e transtornos mentais (psicóticos e neuróticos).

No primeiro encontro com os usuários do CAPS de Amargosa, tudo saltou aos olhos, como nos descreve Pelbart, sobre o comportamento de pessoas com transtornos psíquicos e sobre a noção de tempo num espaço de tratamento em saúde mental.

Às vezes lembra um aquário onde cada um desliza a seu modo, no seu ritmo, a seu tempo. Agora em câmara lenta, desacelerada, dali a pouco numa rapidez inusitada. Uns estão estacionados num passado longínquo, outros jamais saberemos onde estão, em qual tempo; outros ainda, numa instantaneidade aflita, como se nada lhes garantisse a continuidade temporal (1993, p. 34-35).

Como não me inquietar diante de uma situação tão peculiar? Recordo que na primeira conversa para levantar mais informações sobre o perfil dos usuários, muitos deles não souberam informar sua idade, ou, na sua simplicidade e espontaneidade informaram idades completamente incoerentes, como por exemplo, dizer que tinha 18 anos, quando na verdade tinha 38 anos de idade.

Diante disso, fui tomada pela sensação de que as memórias daquelas pessoas estavam perdidas no tempo ou confusas. Assim, percebi que o trabalho teatral

² De acordo com o CAPS, 80% dos jovens atendidos na faixa etária entre 18 e 20 anos apresentam dependência ao álcool e outras drogas. Porém, como o município de Amargosa não possui CAPS, a instituição acaba se responsabilizando pelo atendimento deles por meio de sessões com psicólogos.

poderia partir do acolhimento de suas histórias para, em seguida, encená-las. Construir uma narrativa do tempo e “jogar” com essas memórias.

No turbilhão de sensações, a imagem de Salvador Dalí “A Persistência da Memória”, apareceu como uma imagem central sobre todo o contexto em que iniciaria um trabalho teatral, e que já trazia como questão-chave a loucura e suas implicações no campo da memória de cada um desses sujeitos.

Bosi (1994) diz que a única forma de sabermos qual a forma predominante de memória de um dado indivíduo é levá-lo a fazer sua autobiografia. A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar, pois é a *sua* memória.

A autora ressalta que sempre fica na memória o que significa, entendendo que o que fica não permanece do mesmo modo, às vezes quase intacto e às vezes profundamente alterado, uma vez que novos significados alteram o conteúdo e o valor da situação de base evocada. Aqui, memória não é o passado “tal como foi”, pois, na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.

O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista, pois nossa percepção mudou e com ela nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor (BOSI, 1994, p. 55).

Avançando um pouco mais com Bosi, a autora fala da percepção do tempo no campo das memórias. No percurso da vida do ser humano, cada etapa remete a um sentido e a uma relação específica e dinâmica, objetiva e subjetiva, com o tempo. A sucessão de etapas na memória é toda dividida por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra. Dessa forma, a perda de uma pessoa amada, o começo da vida profissional, o casamento, uma doença (ou a constatação de transtorno mental) dividem nossa história pessoal em períodos. Nesse sentido, a oficina de teatro buscou percorrer todas as fases da vida dos usuários do CAPS de Amargosa, numa investigação cênica que se iniciou com lembranças da fase da infância, ora enveredando pelo que foi inesquecível em suas vidas, ora por suas fantasias e desejos, num misto de realidade e ficção.

A imagem de Dalí como operadora de conhecimento

“A Persistência da Memória”, obra de Salvador Dalí, construída numa estética surrealista, propõe a desconstrução de formas rígidas, como os relógios moles e uma cabeça solta sobre a terra, e ainda a desconstrução da linearidade apontada pelo infinito do horizonte. Mostra o ciclo de composição e decomposição da matéria e da memória humana. Essa última, hoje imediata e presente, amanhã esquecida, relativizada e imaginada pelo tempo “de agora”. Um paradoxo posto por Dalí, do surreal como a mais óbvia realidade da condição humana.

Pelbart, baseado nos pensamentos de Deleuze, traz uma visão do tempo que nos interessa, denominado de imagem-tempo; trata-se de um reconhecimento atento de um mesmo objeto (sua singularidade essencial), o que faz passar por diversos níveis, num aprofundamento inesgotável (*apud* PELBART, 2007, p. 14). É a função vidente do olho, ampliando o objeto percebido.

Na fugacidade do tempo e das impressões, algumas imagens daquele primeiro contato com os usuários do CAPS de Amargosa, traduzidas pelo quadro de Dalí, mostraram o meu “olhar estrangeiro” sobre aquelas pessoas e sobre o lugar, operando como uma chave de pensamento.

Em **Seis Propostas para o próximo milênio**, Calvino falou da visibilidade como um valor do homem, a ser preservado. Para ele, a capacidade do ser humano de “ver por imagens” amplia nosso referencial imagético, conectado pela via da imaginação, como comunicação com a alma do mundo.

Segundo o autor, a visibilidade está relacionada a processos imaginativos, à qualidade de expressar imagens; a imagem antecede o texto no processo criativo devido ao seu caráter polissêmico. A imaginação é uma faculdade mental unicamente humana, pois tem o poder de se impor às nossas vontades e nos arrebatam do mundo externo.

Dessa forma, coloco-me a “ver por imagens”. Conforme Rangel (2006), o caminho do processo de criação está baseado nas próprias experiências do sujeito, operando na articulação entre ação-imagem-sensação-intuição, numa perspectiva completamente aberta para novas descobertas, sentidos e significações, onde o artista coloca-se ao mesmo tempo inserido no processo e num estado de “alerta”, sendo capaz de reconhecer o que surge através da ação, como princípio da criação.

Ainda no campo das ideias, Rangel propõe que o artista compreenda e organize o próprio pensamento, com suas criações dimensionadas de forma recorrente e original. No percurso da experimentação artística, a imagem se destaca com um papel singular seja no imaginário dos envolvidos, seja no processo de invenção e recepção.

Nesse momento de análise e reflexão da experiência artística, realizada num tempo passado, é que ratifico a pertinência da memória, agora pela via da pesquisa acadêmica, aqui ancorada num estudo de caso e que tem como seu *corpus* uma oficina de teatro, que buscou valorizar histórias de vida de pessoas com transtornos mentais e, no processo criativo, reconheceu saberes e expressões culturais populares vindos desses sujeitos.

O processo criativo como instaurador do pensamento

O início do processo me colocou no território das fronteiras e das incertezas. Parti de ideias-chave que fundamentaram a trajetória da experiência teatral e orientaram a minha prática: como a compreensão de ter no sujeito, o usuário do CAPS, a matéria-prima e fonte de conhecimento e saber; compreender o tempo como passagem da vida humana, considerando todas as suas etapas,

desde a infância até a velhice; e a memória baseada nas histórias de vida de cada sujeito.

Com essas ideias-chave, utilizamos jogos teatrais e a contação de histórias (vivas e imaginadas), reconhecendo os sujeitos do CAPS de Amargosa como jogadores e contadores de histórias. Especialmente como um narrador (BENJAMIN, 1994) que conta o que ele extrai da experiência, seja a sua ou a que ouviu por outros.

Com Benjamin, podemos entender que todos nós somos capazes de narrar nossas vivências, transmitindo para o outro o que nos toca, e o que nos toca está preservado na memória. Bem como disse Bosi, na memória “fica o que significa”, por isso só somos capazes de contar aquilo que se inscreve dentro da nossa própria história. Benjamin afirma a memória como faculdade épica por excelência, corroborando com o sentido de que esta pode ser entendida como histórias de vida traduzidas em experiências, com as quais cada um pode narrar aquilo que absorve como experiência.

Assim, o processo criativo previa a elaboração de uma narrativa do tempo e do grupo. Cada fase da vida seria explorada: a infância, a adolescência, a juventude e a idade adulta. Para cada fase, a construção de um sentido relacionado a cada tempo vivido.

Iniciamos o trabalho com a fase da infância, voltar a brincar foi fácil e gostoso. A infância é um campo fértil e um tempo privilegiado de boas lembranças. Ah! Sim, elas existiam! E tinham um gostinho bom de boas histórias e muitas fantasias. Por isso, o plano para trabalhar a infância teve que ser muito maior. O baú da memória era grande, e fundo.

O trabalho com a fase da adolescência foi o tempo de falar de namoro e paqueras da adolescência. Aquele era o tempo das paixões, amores e descobertas com o corpo. Alguns afirmaram que tiveram suas primeiras experiências com os transtornos nessa fase da vida.

No decorrer da oficina teatral, contamos e jogamos com a fase da juventude, que esteve muito ligada à necessidade do trabalho, como meio de produção e papel ativo na sociedade. Esse era o tempo de descobertas de competências e habilidades profissionais, para alguns tão necessário como ofício para a sobrevivência.

Já no processo criativo, relacionado com a fase de vida do mundo adulto, tratamos da sociabilidade e foram trazidos círculos ou espaços sociais por onde os usuários circulam: igreja, família, amigos, CAPS... e os espaços em que não circulam, tratando de exclusão e preconceitos.

Depois, era chegada a hora de falar do futuro. Quais suas perspectivas? As histórias contadas e encenadas ganhavam um novo movimento. Partiam em direção aos sonhos, desejos do que pode vir a ser. Ao mesmo tempo, para alguns, o futuro é o desejo do tempo presente, quando tudo deve permanecer do jeito que está.

Nesse percurso, a oficina teatral trabalhou com a visibilidade, apontada por Calvino, e deflagrou novas imagens sobre os sujeitos do CAPS de Amargosa, trazendo aspectos relevantes que ainda serão estudados no decorrer desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** – lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALVINO, Ítalo. **Seis Propostas para o Próximo Milênio**: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PELBART, Peter Pál. **A Nau do Tempo-Rei**: 7 ensaios sobre o tempo da loucura. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

_____. **O tempo não-reconciliado**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

RANGEL, Sônia. **Processos de Criação**: Atividades de Fronteira. **Revista eletrônica de Artes Cênicas**, Cultura e Humanidades: Territórios e Fronteiras da Cena. São Paulo, n. 1, ano 3, 2006.